

Maffesoli e o otimismo do presente

RESUMO

Um humor negativo parece marcar as análises de pensadores contemporâneos. Podemos citar ao acaso Debord e Baudrillard. Mesmo pensadores mais otimistas não escapam: nesses casos, um diagnóstico positivo de nosso futuro (próximo) convive com uma apreensão negativa de nosso presente. É a partir dessa situação que Maffesoli ganha seu valor, pois há em seu pensamento uma afetividade de base de tom marcadamente positivo, alegre, afirmativo.

ABSTRACT

The author calls attention to Maffesoli's thinking, whose value he sees in the affectionate mood of his writings, mostly positive, happy and affirmative, when compared with those who theorize positively about our future, but taking a negativist stance about our present situation.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

- Teorias da comunicação (*Communication theories*)
- Otimismo (*Optimism*)
- Filosofia (*Philosophy*)

SUSTENTAR QUE NÃO há análise neutra é um truísmo. Toda análise parte de pressupostos que delimitam simultaneamente seu objeto, seu método, seus objetivos. Mais importante, esses pressupostos delimitam seu campo de validade e seus regimes de verdade.

Mas além desses pressupostos que poderíamos qualificar de epistemológicos, toda análise parte igualmente de uma certa atmosfera afetiva que delimita algo que poderíamos chamar de seu humor. Esse *pathos* de base, nunca estando formalmente enunciado, aparece apenas indiretamente. Mas nem por isso é menos importante ou menor do que é de modo formal apresentado.

Temos, assim, análises bem-humoradas, análises de mau humor, mas também melancólicas, maníacas, contentes, decepcionadas. A lista poderia prosseguir indefinidamente, sendo potencialmente infinita. Esse "impensado afetivo" do pensamento raramente é tomado em conta.

Um humor negativo parece marcar as análises de pensadores contemporâneos. Podemos citar ao acaso Debord e Baudrillard. Mesmo pensadores mais otimistas não escapam: nesses casos, um diagnóstico positivo de nosso futuro (próximo) convive com uma apreensão negativa de nosso presente. Veja-se o caso de Pierre Levy: "Em geral, sou considerado um otimista. Com razão. Mas meu otimismo não promete que a Internet resolverá magicamente todos os problemas culturais e sociais do planeta" (1997, p. 9). Um otimismo que não promete, mas que se projeta sobre o futuro: as tecnologias do virtual, bem utilizadas, trazem os remédios para um presente que em si mesmo não é dos melhores. O otimismo levyniano é o de um futuro virtual próximo, não o do acolhimento afirmativo de nosso presente.

Assim, uma tonalidade afetiva negati-

Márcio Souza Gonçalves

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

va em relação ao presente (ainda que o futuro próximo possa se ver como melhor) é a base das análises da maioria dos intelectuais contemporâneos. É a partir dessa situação que o pensamento de Maffesoli, tal como aqui o encaro, ganha seu valor.

Há no pensamento de Maffesoli uma afetividade de base de tom marcadamente positivo, alegre, afirmador. Esse a priori humorístico, *pathos* incondicional, derrama-se sobre os diversos objetos acerca dos quais Maffesoli reflete: o estar-junto, o tribalismo, as relações cotidianas, nossas músicas, nossos agrupamentos, nossa vida, enfim.

Ocorre sem dúvida um condicionamento, já que essa qualidade afetiva sustenta as análises desenvolvidas por Maffesoli: seu pensamento seria outro se Michel Maffesoli fosse um homem mau-humorado ou agressivo, por exemplo. Mas esse condicionamento deve ser tomado como uma vantagem.

Em primeiro lugar, se condicionamento sempre há, talvez seja mais interessante um pensamento condicionado por afetos alegres do que os condicionados por afetos tristes. Além disso, dada a situação de pessimismo ambiente, partir de uma afirmação intempestiva e incondicionalmente positiva abre horizontes.

Deve-se considerar que essa afirmação afetiva de base é objeto de uma decisão que poderíamos qualificar de ontológica, uma vez que define a perspectiva a partir da qual um sujeito produz seu mundo.

Ora, a decisão que torna possível o pensamento de Maffesoli é uma decisão de afirmação do mundo, de alegria com essa afirmação. Como ele mesmo diz: *amor fati*. Decisão afetiva e imanente de positividade, anterior à reflexão formal e ao pensamento ordenado. Podemos dizer de Maffesoli o que já foi dito de François Châtelet: "toda sua filosofia é uma filosofia da decisão, da singularidade da decisão, em oposição aos universais da reflexão, da comunicação..." (DELEUZE, 1988, p. 20-1).

Maffesoli não está só, situa-se numa

longa tradição de pensadores de afirmação, de uma afirmação primeira e incondicionada. É evidente que a referência a Espinosa e a Nietzsche é inevitável, mais próxima, por exemplo, do que a ligação com o assentimento da Antigüidade grega.

Mas essa pertença a uma tradição não deve mascarar o caráter crítico do pensamento de "Maffesa" (como foi carinhosamente apelidado por seus alunos brasileiros).

Há diversos modos de se fazer um pensamento crítico.

Kant nos mostra uma crítica da razão que se faz como que "por dentro" da própria razão. Não se trata nunca em Kant de partir do impensado: ao contrário, sempre se deve pesquisar as condições de produção do pensamento de modo que o impensado seja empurrado para os limites do infinito. Sempre determinar as condições de possibilidade do pensamento e pensar no âmbito dessas condições. Quanto ao outro lado, ao que se encontra para além de nossas potências de pensamento, só nos resta o silêncio.

Maffesoli não é kantiano, procede de modo muito diverso. Sua crítica não é uma crítica do bom ou mau uso da razão, mas sobretudo uma crítica das disposições afetivas, impensadas, anteriores ao exercício do pensamento ordenado e que condicionam sua tonalidade afetiva. Maffesoli é um pensador crítico na exata medida em que, num ambiente de pensamento predominantemente negativista em relação ao presente, ousa sustentar a positividade de nosso tempo e de seus acontecimentos. Trata-se simplesmente de um pensamento que pensa contra o pessimismo de seu tempo, sendo por isso fundamental e original. Sendo sobretudo por isso um pensamento crítico.

Fosse nosso mundo um mundo diferente, fosse nossa academia uma academia diferente, fosse o panorama do pensamento contemporâneo outro, pensar criticamente, no sentido acima definido, talvez fosse pensar de modo pessimista, triste ou me-

lancólico. Houve mesmo momentos ao longo de nossa história em que esses pensamentos “tristes” foram essenciais e operaram abrindo novas possibilidades. Mas em nossa atualidade ansiosa, o crítico é o alegre!!!

Somos levados assim a considerar de que modo Maffesoli é necessário contra o consenso do negativo. Ao romper com os discursos acerca da decadência do presente, sua sociologia, que é também uma filosofia (é preciso dizê-lo), abre a possibilidade de olhares originais sobre o mundo. A prática universitária de Maffesoli e os diferentes grupos de pesquisa a ele ligados no âmbito do *Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien* nada mais são do que o derramar-se desses olhares originais sobre o mundo e seus objetos.

A multiplicidade de objetos empíricos (mundanos, urbanos, estranhos) que permeiam o campo reflexivo de Maffesoli depende diretamente desse acolhimento incondicional do mundo. Essa multiplicidade não pode ser compreendida sem levarmos em conta o *amor fati*. É bom porque existe, deve ser pensado por que é bom, são lemas que podemos ler (arbitraria e interessadamente, é claro) ocultos sob os textos de “Maffesa”.

Esse acolhimento e essa afirmação do presente agem no sentido de uma modificação positiva de nosso tempo, abrindo brechas de luz num panorama de outro modo cinzento. Por si só essas aberturas são indispensáveis pois dinamizam o jogo pensamento-prática contemporâneo. Pensar é necessário, agir é necessário, nosso presente esta aí e *vale a pena*. Maffesoli nos diz, no limite, que viver é possível, não no futuro, mas nesse exato momento que é o nosso: somos acordados para a própria vida que vivemos.

O lúdico, tão caro a Maffesoli, é a marca visível dessa abertura. É o que pode abrir olhos por demais viciados no pessimismo ambiente.

Maffesoli é imprescindível para o mundo contemporâneo pois nos ensina a

maior forma de otimismo: o otimismo do presente •

Referências

DELEUZE, Gilles. *Périclès et Verdi: la philosophie de François Châtelet*. Paris: Minuit, 1988

LÉVY, Pierre. *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob, 1997